

Raquel Fonseca *

O olhar científico e o olhar fotográfico sobre corpo: uma objetividade inacessível

*

Darci Raquel Fonseca é Doutora em Estética, Ciências e Tecnologia das Artes, especialidade em Artes Visuais/Fotografia, pela Universidade de Paris 8. Mestre em Estética pela Universidade de Paris I-Panthéon Sorbonne. Expõe na França e em outros países. Publica em revistas, livros, jornais e cartões postais. Tem uma série de fotos adquirida pela BNF (Biblioteca Nacional da França). Publicou o livro *Portrait et Photogénie: Photographie et chirurgie esthétique*, Editora l'Har-mattan, Paris, 2015. É Prof^a pesquisadora permanente do PPGART da Universidade Federal de Santa Maria – RS <d.raqueldafonseca@gmail.com>
ORCID: 0000-0002-5272-8162

Resumo Este artigo visa a fotogenia como fundamento estético da transformação do corpo real e representado. A arte, a ciência e a tecnologia trabalham e, às vezes, se cruzam onde as imagens se impõem e propõem mutações profundas. Como a fotogenia se enlaça à ação do homem sobre seu corpo e daí às múltiplas buscas de sua unicidade subjetiva?

Palavras chave Fotogenia, Imagem, Corpo, Cirurgia estética.

The scientific and the photographic look about on the body: an unreachable objectivity

Abstract *This article address the photogeny as the ground aesthetic of the transformation of the real and represented body. The art, the science and the technology work together and, sometimes, they intersect where the impose themselves and propose deep mutations. So how does photogeny linked to the human's action on his/her body and from there to the multiple searches of his/her subjective unicity?*

Keywords *Photogeny, Image, Body, Aesthetic surgery.*

As pranchas de Vesales, ainda que realizadas em um contexto científico de descrição anatômica, deram uma visão diferente do corpo; propiciaram a descoberta de uma certa beleza dos corpos dissecados pelos anatomistas do século XVI. Para David Le Breton, algumas pranchas dizem muito mais do que acredita seu autor. Elas são como protestos do corpo contra a ação que o isola da presença humana. Por sua insistência em ser, atesta a presença humana (LE BRETON. 1990. p. 55).

Os artistas concederam ao corpo estudado pela ciência sua parte de beleza que, sem dúvida, não é isolada da humanidade que lhe é própria. Salientamos que o cruzamento da arte com a anatomia não é neutro, visto que o inconsciente do artista intervém de maneira incontestável na precisão do detalhe exigido. Neste contexto, a pintura e a escultura se enriqueceram através do olhar voltado para anatomia científica. A presença do artista no campo da anatomia científica confirma que a proximidade de disciplinas distintas operando ao mesmo tempo um determinado sujeito, é uma realidade que se efetiva cada vez mais uma vez que as fronteiras se encontram mais permeáveis entre a arte, a ciência e a tecnologia.

Assim, da beleza natural revisitada pela pintura à beleza singular possibilitada pela fotografia e, em seguida, pela cirurgia estética, surgem aqueles que sempre sonharam com a beleza artificial, e muitas vezes esse desejo é insaciável. Entre objetividade e subjetividade, todos nós buscamos nos alocar uma imagem que, muitas vezes, alimenta o desejo insaciável de oferecer uma aparência diferente da que a natureza nos impõe. As manipulações virtuais e reais do corpo são acessíveis a todos através da cirurgia que evoluiu graças aos meios tecnológicos eficazes e seguros dos laboratórios científicos, das técnicas cirúrgicas que garantem as intervenções nos blocos operatórios. Para o corpo e sua aparência a imaginação elabora com força, pois tudo é feito em função da imagem. O olhar se torna função por excelência neste universo desejoso de corpos rejuvenescidos, graças a um viço sonhado como valorizador. Estas imagens da ciência cruzam o imaginário de artistas sensíveis às iniciativas científicas produtoras de imagens, que revelam desde as partes mais ínfimas do corpo, como as células, até o corpo inteiro.

Esta visibilidade dada ao corpo não é de hoje, como vimos, e a evolução da relação do corpo com a imagem, por não ser independente dos avanços tecnológicos e científicos, caminhou lenta porém convictamente. A imaginação nunca esteve muito longe da objetividade científica, pois sempre foi uma necessidade a partir do momento em que a formalização escrita dos avanços científicos tornou-se insuficiente e que a imagem veio socorrer a fim de validar, pelo olhar, as descobertas científicas, fazendo com que estas percam, pouco a pouco, sua opacidade. A estetização do corpo pela ciência é tributária de artistas que trabalham em colaboração com os cientistas. No entanto, os artistas não mostram do corpo só uma imagem mas o que ela contém de subjetivo, o que, de certa forma, torna inacessível a objetividade científica.

Estes corpos revisitados pela beleza foram revelados por outros padrões estéticos aos quais nossos olhos não ficaram insensíveis. Com o evento fotografia, o corpo observado é visto mais verdadeiro que a própria natureza, e o desejo de vê-lo através dessa nova visibilidade só aumentou o desejo de fazer o verdadeiro corpo, outro corpo, na esperança de vê-lo renascer através da eficiência fotogênica. A fotogenia veio para preencher o desejo de novas aparências e animar o desejo de beleza. A fotografia, ao metamorfosear as superfícies reais, nada mais faz que alimentar as iniciativas de transformação do corpo, e isso tende a evoluir ao longo do tempo. Imagem, a foto se encontra na raiz do desejo de transformar, de se transformar. Efêmero desejo que, para muitos, não é satisfeito através do duplo que a fotografia oferece. Assim sendo, a busca de outro suporte para a imagem idealizada pode, por ultrapassamento, alcançar a pele, penetrar na carne, sobretudo quando o tempo que passa afeta o delicado equilíbrio de ser e parecer.

A observação do corpo através da imagem torna-se inevitável, pois “em muitos casos, uma simples fotografia que fala aos olhos dirá muito mais do que uma descrição completa”, dizia Albert Londe (1983. p. 35). Esta certeza em relação à imagem fotográfica e a crença em sua capacidade de dizer mais do que vemos incentiva cientistas e médicos a utilizarem a câmara fotográfica como um bisturi que certifica um olhar preciso. O exemplo mais confuso do uso da fotografia como meio de diagnosticar a doença continua a ser a iconografia do Salpêtrière, realizado por Jean Martin Charcot. Uma vez mais, Charcot fez arte sem arte colocando no centro do espetáculo as mulheres histéricas da Salpêtrière, em Paris. Se o projeto de Charcot objetivava principalmente observar a doença, isto é, poder ver para entender, tornou-se para ele uma exigência da encenação e da visibilidade dessas mulheres. A crença no poder revelador da imagem fez da foto o objeto por excelência das “verdades aparentes” e rapidamente encontrou adeptos ávidos das aparências fotografadas.

A serviço da Medicina, a foto, por sua objetividade ilusória, torna-se uma peça de convicção, um meio por excelência de introdução à visibilidade das coisas que nosso olhar distraído não veria. A cirurgia estética, como especialidade, serve-se melhor que outras do protocolo fotográfico, visto que ela mesma, como técnica cirúrgica, baseia-se no olhar e trata a aparência. Incomparáveis na prática, mas tão próximas quanto o desejo dos protagonistas implicados de serem vistos diferentes.

Das pranchas de Vesales à nanotecnologia, o progresso da ciência e da Medicina é uma realidade a ser levada a sério, uma vez que, hoje, tudo parece ser possível; do infinitamente pequeno ao infinitamente grande, a imagem está presente e acompanha a evolução tecnológica que visa a descobrir o segredo da natureza, do homem em primeiro lugar. Rapidamente compreendemos que a imagem seria complementar às novas ideias e que seu papel na evolução tecnológica é, sem dúvida, importante; a ciência precisa da imaginação e da magia da imagem para continuar seu progresso.

Surge o sonho de parecer outro e o desejo de adquirir outra aparência. Esta busca voltada à superfície do corpo não seria o desejo de uma abordagem fundamental de identidade? Com quem queremos nos parecer? Mudar por que e para quem? As etnias estariam condenadas a desaparecer? A beleza não se encontra na diferença entre um e outro? A beleza não existe porque é confrontada com a feiúra?

Certamente, a imagem alimenta o mito e fortalece o desejo de parecer como maneira de existir: é preciso ser visto para viver. Não uma visibilidade comum, mas capaz de responder ao gosto do momento. A sociedade estabelece seus códigos e a ideia que cada um faz de si mesmo, e essas condições não são completamente desligada do contexto social de cada indivíduo. A imagem que nosso próximo pode fazer de nós mesmos influencia a nossa vida e a nossa forma de evoluir ou de permanecer no mundo. Este espelho apontado para a vida de todos os dias é determinante na construção da autoimagem. Logo, a aparência se tornou, em nossas sociedades, um dos primeiros fatores a serem levados em conta. Os julgamentos são frequentemente impregnados de diferentes códigos estéticos de um grupo a outro, mas definitivamente presentes e reforçados pela cultura, pela moda e pelos costumes. A fotografia contribuiu para a divulgação de tais códigos e, tomada como um sonho, suscita o desejo de novas aparências e de uma possível descoberta de outras imagens de si mesmo. De fato, tanto na fotografia como na cirurgia estética o mundo imaginário encontrou matéria onde se instalar e fabricar falsas aparências como um simulacro de uma presença iluminada. Tanto em um caso como no outro, a imagem assegura a transformação que muitos buscam.

A fotografia e, antes dela, a pintura, nos deram a certeza de um mundo inconcebível sem imagem. A fotografia nos ensinou que, de um indivíduo, ela poderia produzir uma infinidade de facetas e ainda multiplicar, como por magia, cada uma delas. Ensinou-nos que nada lhe escapa e não escaparemos também, pois ela nos aponta, nos identifica, nos ilumina e nos revela tal qual outro nos veria. A imagem não tem só o poder de transformar nossa aparência em fotografia, uma vez que se encontra na base de todas as transformações adquiridas; tatuagens, escarificações, *morphing*, *bodybuilding*, *body-art* e cirurgia plástica como meio de apropriação do corpo.

Se hoje em dia imagem do corpo tornou-se um sintoma, existem maneiras de tentar resolver ou remediar o dano causado pelo olhar, através do qual a cirurgia se fez uma especialidade, a estética. Com base na imagem do corpo, desde o início a cirurgia estética, mediante a necessidade de ver o que já havia sido naturalmente visto, integra a fotografia em seu protocolo. Para tal decoro, nada melhor que “re-sentir” e “re-ver”: que a fotografia, apesar da ideia persistente de uma colaboração puramente técnica e útil, devido à sua eficiência para tornar mais “real” a natureza, acaba por olhar, o que também ultrapassa o imediatamente visto e transfere o olhar para a interioridade, a essência e a alteridade do que é resistido, mas nunca tocado. Assim, seria necessário evitar o sensível no qual a tecnologia opera em nome da objetividade científica? Como evitar a imagem e seu poder transformador das aparências reais em atos propriamente gerados pela imagem?

A técnica cirúrgica não é comparável à da fotografia, e, no entanto, elas compartilham a força invisível com que a imagem trabalha e através da qual tenta dar ao corpo a visibilidade tão desejada. É possível considerar que a ambiguidade que alimenta uma e outra não impede que a objetividade exigida pela prática da Medicina seja distorcida pela natureza sensível que engloba toda ação estética. A ligação entre as duas parece bastante aceitável, visto que ambas se alimentam do desejo de atenuação dos efeitos na natureza do corpo em vista de um “re-nascimento” possível através de uma nova aparência. A fotografia operando em uma área que não é a dela nos leva a crer que esse uso deslocado merece ser considerado não como objeto necessário à visão para convencer ou para lisonjear, mas como objeto que, ao mesmo tempo, ajuda a pensar. Não podemos esquecer que a fotografia “encara” o sujeito e permite, assim, uma reflexão sobre o retoque o qual elimina os efeitos naturais tendo em vista outro renascimento, cuja estética reúne a esperança de se ver diferente.

Tratando-se simbolicamente da fotografia ou da cirurgia plástica, a transformação do corpo é inevitável. Modificar a natureza é um fato da fotografia, mas é também o da cirurgia estética? Sem dúvida que sim, uma vez que a cirurgia estética se adapta bem à abordagem artificial da fotografia e, através dela, responde à necessidade de reconstruir uma imagem estável do corpo. A Medicina, através de cirurgia plástica, opera com o objetivo de tornar o corpo cada vez mais fotogênico, logo, transformado para ser visto. Visto de acordo com os critérios de hoje, porque o olhar contemporâneo é ávido de imagem e aparência do corpo. Existir pela simples aceitação de si mesmo não tem realmente mais sentido quando são dadas todas as oportunidades para nos re-conhecermos através de um novo envelope e, por que não, forjar ao mesmo tempo uma nova identidade. Uma identidade baseada na estética de uma aparência adquirida e formatada pelo bisturi do cirurgião que tenta torná-lo acessível para aqueles que buscam atingir a inacessível convivência entre o ser e parecer.

O imaginário em boa companhia torna-se indispensável e, para esta especialidade da Medicina fundada no olhar, a palavra estética não é uma coincidência. A fotografia em cirurgia plástica é uma ferramenta complementar para a estética, uma vez que, por si mesma, ela é um trampolim para a possível aquisição da imagem sonhada. Nas duas temporalidades essenciais da cirurgia estética, o antes e o depois, paciente e cirurgião elaboram a imagem de um corpo que apaga o passado em busca da criação de um novo corpo, ou seja, de uma aparência revisitada.

A força do olhar e a cirurgia estética como solução possível

Visível e imóvel, meu corpo está entre as coisas, é uma delas: ele é captado na textura do mundo, segundo Merleau-Ponty. (MERLEAU-PONTY. 1964. p. 19). Vidente e visível, o homem parece não ter a distância necessária para se ver como parte do mundo que o cerca. Isso o coloca em posição de rastreador de mediações necessárias para dar coerência à sua condição de ser vidente e visível ao mesmo tempo.

É através do olhar que o homem se estabelece no mundo. O olhar do outro é necessário porque certifica a relação de um com o outro no mundo, de forma que eles façam parte do mesmo tecido. Ver e ser visto é uma necessidade humana básica, ou seja, um olhar que apalpe à distância e que estabeleça a ligação entre os homens. O corpo e a aparência se tornaram as maiores descobertas do nosso tempo, porque os meios garantem um apoio cada vez mais sofisticado e seguro. O corpo pode ser visto, reconsiderado e moldado de parte a parte. Podemos dizer que um mal-estar real se encontra por trás do desejo de transformar ou corrigir o que a natureza concebeu, segundo a afirmação da pessoa implicada?

Podemos imaginar o corpo como uma instância à parte e uma matéria a ser transformada? Transformar para quem e por quê? A tese de que nos transformamos para nós mesmos é válida até certo ponto, a não ser por um narcisismo doentio ou outra forma de patologia que faça do indivíduo *un soi pour soi-même* em desacordo com o mundo exterior.

A transformação real do corpo através de cirurgia estética e a obtida pela estética da representação parecem seguir a mesma motivação, assim como o desejo de beleza e o desejo de perfeição que passam por uma espécie de ascetismo. Tanto em um caso como no outro, a palavra “estética” parece dar sentido à busca de outra aparência que garanta a presença diferenciada no mundo; essa aparência seria, ao final, dotada de qualidades necessárias para escamotear o passar tempo e mostrar como a aparência do corpo é efêmera.

Conscientemente ou não, por necessidade ou por desejo, a imagem do corpo parece estar constantemente em mutação. Mutação esta animada pela dinâmica intensa entre exterioridade e interioridade, entre ver e ser visto, entre si mesmo e o outro, entre a realidade e a imagem, entre a vida e a morte, entre o espaço e a forma, entre arte e a não arte.

Os homens hoje são livres para escolher os meios e as técnicas capazes de atender aos seus sonhos e a suas fantasias segundo o vazio ressentido, e nesse processo, muitas vezes, a arte e a tecnologia se cruzam; simbólica ou realmente, o corpo torna-se disponível para a ciência, para a Medicina e para a arte na espera de encontrar uma resposta à falta ressentida.

Diante de tal liberdade e a garantia dos avanços científicos e tecnológicos, o homem se tornou realmente livre para fazer de seu corpo uma simples matéria a redimensionar? Toda modificação esconde um sofrimento, um mal-estar como alguns pretendem? Transformar-se é renascer das próprias cinzas por si mesmo ou atender a uma solicitação das mídias, que

impõem modelos capazes de influenciar as escolhas e as maneiras de se adaptar ao mundo tal como somos?

Nós somos constantemente convidados a rever a cópia como única possibilidade de ação capaz de satisfazer o desejo de beleza e barrar o tempo que passa. Nesta configuração, o próprio indivíduo permanece paradoxalmente confrontado com o mundo da imagem que incita o sonho a mudar a sua própria realidade, isto é, seu corpo e toda a complexidade física e moral que ele pode significar. Então recorreremos à imagem: fotografias, *morphing*, hibridizações, ou, então, agimos diretamente sobre o corpo e adicionamos tatuagens, *piercings*, implantes de qualquer tipo, próteses de todo tipo; removemos a gordura, um osso do nariz que nos parece muito proeminente, cicatrizes, rugas e, finalmente, tudo o que torna feio a superfície do corpo até fazer de si uma obra à parte.

Todo esforço de embelezamento de si vem de imagens que habitam as profundezas dos seres, impulsionado pela força do olhar e reforçado pelo desejo de preencher um vazio difícil de precisar. Diante de um corpo ressentido por alguns como inacabado ou mal acabado, o desejo de auto-transformação não pode ser apaziguado, mas se torna a única maneira de reparar tudo que possa prejudicar a abordagem visual do outro. Segundo o Dr. Mitz, atualmente cirurgião plástico em Paris, “deve-se admitir que os órgãos da visão são privilegiados; é para eles que a sociedade se dá em espetáculo” (2005, p. 12).

O olhar é primordial para muitos nesta experiência na qual o corpo e a imagem do corpo se entrelaçam por um devir de “parecer” e de “como parecer” aos olhos dos outros; questão fundamental que, aqui, se serve da cirurgia plástica e da fotografia para abordar a questão que implica o ser e as aparências sensíveis através de mediações em que o desejo estético parece ser a principal motivação.

Se estes dois caminhos percorridos para alcançar o ideal de novas aparências divergem, recorrer a eles desde o início é uma forma de elucidar onde eles se encontram. Muitos se adornam, se maquiam, se fazem fotografar, se tatuam, colocam *piercings*, se escarificam e, quando isso não é mais suficiente, se fazem operar. E, como sabemos, o homem não é desprovido de inventividade e criatividade desde que outra imagem de si seja possível.

O corpo e sua aparência: uma questão de imagem

A cirurgia plástica é cada vez mais importante para a população, e o último recurso para amenizar uma existência voltada para a aparência nas sociedades que vivem sob o império da imagem. Em tal contexto, o corpo é colocado a duras provas, uma vez que ver e ser visto se tornou uma necessidade contemporânea. Confrontado com esta exigente visibilidade, inúmeros são os que se sentem sós face à ambiguidade de ser e parecer como naturalmente são. Os corpos portadores de aparência que contraria as normas solicitadas socialmente são discriminados e, às vezes, isolados. Os indi-

víduos que se encontram nestas condições acabam tendo uma imagem muito ruim deles mesmos, sobretudo quando a visibilidade alcança o extremo.

Este corpo se torna insuportável. Por que o corpo se torna uma preocupação? De acordo com David Le Breton, porque, “passivo, ele passa a ser uma preocupação, subutilizado, um estorvo, inútil” (1999, p. 16). Passivo, ele ouve seu mal-estar. “Porque, dissociado da pessoa, o corpo torna-se sujeito a reinvenções e, muitas vezes, considerado pela tecnologia como um projeto a ser corrigido, senão ao nível da espécie, pelo menos ao nível individual, uma matéria-prima a remodelar” (Idem). Assim, “se a cirurgia estética conhece um desenvolvimento significativo, é por causa deste sentimento de maleabilidade”, segundo Le Breton (Ibidem). O risco, provavelmente, é a submissão aos efeitos da imagem como consequência natural da evolução da tecnologia e da ciência do nosso tempo. A compreensão dos efeitos da imagem e a consciência de que nós mesmos somos geradores de imagens permitirá, certamente, o não nos submetemos como cobaias de um modo de produção e recepção de novas imagens; sobretudo das imagens virtuais, que já invadiram nossas vidas. Submetemo-nos aos efeitos das novas imagens que entretêm o fantasma faustiano da eterna juventude e de um corpo indestrutível e perfeito.

O envelhecimento é, para muitos, uma consequência intolerável, pois se revela marca visível de uma existência efêmera que anuncia que a morte não se encontra muito longe. O desejo de combater as marcas da idade se instala como negação desta certeza. Surge então o desejo de eliminar tudo que pode prejudicar a presença no mundo, a vida. A espessura do indivíduo também é medida pela sua aparência e, em alguns casos, é bem mais do que parece.

Para os doentes da aparência, não é o saber científico em que a Medicina fundamenta sua eficácia que interessa, já que não se trata de curar um corpo doente, mas a garantia de que “a arte” do médico venha a responder ao desejo de uma aparência esteticamente revitalizada. Esta nova imagem adquirida deve satisfazer a pessoa em questão e seu entorno. Alcançar a beleza através de uma técnica cirúrgica que ao final não “produz” a beleza, mas trabalha a simetria para alcançar o máximo possível de harmonia total. A imagem da beleza, finalmente, provém mais da profundidade do que da superfície, mas o desejo de que esta ilumine é tão forte que endossa a transformação da aparência em prol de outra considerada mais aceitável. O profundo desejo de fazer deste corpo efêmero uma imagem inalterável reside numa representação de que somos feitos por nossa juventude e até mesmo por nossa infância. Ela nos lembra “constantemente a precariedade e a fragilidade da condição humana” (LE BRETON, 1999, p. 16).

Existe, na cirurgia plástica, a ilusão de um segundo nascimento. Para obter uma boa imagem de si mesmo é necessário que o corpo transformado esteja conforme a direção da luz que ele irá emitir. Para isso, é imperativo buscar a luz que o corpo não emite mais, ou pelo menos não como antes. Deseja-se se retirar da sombra e fazer brilhar a existência esmaecida ou ressentida como como tal. Ilusão é acreditar que a mudança na aparência do corpo trará consigo uma nova juventude da alma e do espírito.

Seria então possível imaginar este ramo da Medicina como parente das medicinas alternativas que tratam o paciente e não a doença, como relata Le Breton? Talvez, já que ele não busca tratar uma doença, mas um indivíduo que profundamente deseja qualquer benefício relativo à sua aparência; seu mal é causado pela força do olhar. A cirurgia plástica não é considerada um re-conhecimento do outro, que busca ele próprio se reconhecer e detém a chamada “medicina alternativa”? Paradoxalmente, sim e não, porque a Medicina, em busca de melhor objetivação, estabelece a separação entre sujeito e objeto do conhecimento, desconecta o paciente de sua doença como faz a medicina alternativa. Então, qual é o saber da cirurgia plástica? A aparência tornou-se uma doença ou então se servem da doença interior para curar o sujeito propriamente dito pela sua exterioridade?

Colocar do corpo em imagem é algo da imaginação do artista compartilhada com o médico, que, através de pinças e bisturi, mostra que o sonho de outra aparência de si mesmo é possível. A arte e a anatomia se encontraram para a realização de *humani corporis fabrica*. Em 1684, André Vesales começou uma obra exemplar de encenação visível do corpo, de suas entralhas, de sua carne. Destas representações de dissecação de um corpo morto emerge certa imagem do corpo em vida. As ilustrações do corpo humano levaram à representação, à beleza do corpo. O corpo feminino como escreve Vigarello, ganha uma espessura e uma aparência carnal que ele não tinha. Para o autor, na mais profunda iniciativa “é a importância do sensível que cresceu, uma ligação mais estreita e sobretudo mais acordada à estética e ao prazer (2004. p. 18). O corpo trazido à luz pela Medicina floresce através da arte, que se aproveita da objetividade em que ele é visto pela ciência para revelar o conteúdo de sonho e de beleza a que aspira. A partir do momento em que os autores decidiram ilustrar seus tratados, eles se tornaram altamente dependentes dos artistas. O encontro da arte com a Medicina teve o mérito de revelar o corpo anatômico, visar à doença e, ao mesmo tempo, esperar uma remissão através da arte.

Talvez seja aqui o ponto de partida de um processo em que o corpo é condenado a evoluir se transformando ao longo dos anos para realmente alcançar a transformação de sua própria carne. A simetria fabricada tendo em vista um corpo “perfeito”, que supostamente a cirurgia estética está apta a oferecer, não é mais uma ficção, mas uma realidade ao alcance de todos. Favorecidos pelas performances técnicas, devemos nos perguntar se não estamos criando nossa própria ficção, a de um corpo re-fabricado conforme o momento atual. Será que estamos realmente conscientes dos efeitos da imagem na nossa existência já tão complexa?

A arte da Medicina, escreve Dr. Mitz, “consiste em tentar retirar o complexo de um ou de uma paciente para dar-lhe maior visibilidade e captação da luz susceptível de criar uma atração para os outros e para si mesmo”. (2005. p. 4). O exemplo de magnificação dado pelo Dr. Mitz parece ser o de uma magnificação fotogênica. Certamente ela permanece na comparação, talvez porque o fotogênico geralmente seja uma palavra da fotografia e do cinema, logo, fruto de uma imagem resultante de uma técnica,

de uma química e de *savoir-faire* fotográfico numa prática muito distante das práticas cirúrgicas. No entanto, temos a impressão de que, se o autor não afirma, não está muito longe de considerar o fotogênico mediação na transformação do corpo através de cirurgia plástica. Mas, da mesma maneira que todas as fotos não são fotogênicas, todos os corpos operados, aparentemente, também não são.

Na verdade, a arte do médico não concerne apenas à exterioridade porque ela tira ou remove complexos que estão para além do que é visto. É uma técnica que trabalha a aparência ao mesmo tempo em que toca as profundezas das pessoas. No entanto, é uma arte do olhar, uma arte que, como a fotografia, se mantém com a luz. Não é uma luminosidade anterior ao olhar, mas, sobretudo, do trabalho da luz na superfície que ela toca. A meta é a mesma que a do fotógrafo que procura do seu objeto a magnificência que chamamos “fotogenia”. Seria possível acordar ao ser vivo um tipo de fotogenia tal como fazemos na apreciação do retrato? Parece que a relação da fotogenia com o corpo é subjetiva e dependente da imagem do corpo operado revelado pela fotografia. Os indispensáveis retratos feitos antes e depois da cirurgia com intenção estética exemplificam a referência à fotogenia do corpo através da comparação de duas fotos: a de antes (a natureza como ela é) e a de após a cirurgia (a natureza como ficou).

Na cirurgia estética, o cirurgião e o paciente exercem os seus olhares diante dos dois retratos a fim de observar as alterações feitas por um e sofridas pelo outro. A foto sustenta os olhares que assumem o papel de prescritores de um rosto sob medida. Diante de seu retrato, o paciente reconstrói sua imagem se acostumando gradualmente antes de adotá-la. O olhar aqui é o órgão por excelência, pois quem se transforma o faz para ser visto. Devemos ver para aprender a reconhecer seus novos traços.

É por isso que não basta ver a realidade transformada, é necessário ver bem mais que o natural e isso é constrangedor sem a natureza fotografada. Aqui, olhamos o que a foto já viu, analisou e certamente transformou; imagem do corpo transformado, a fotogenia rememora, com a cirurgia, seus valores comuns, ou seja, o valor estético. A foto se tornou uma necessidade em um domínio que não é seu, mas que acaba tornando arte aquilo que, eventualmente, não o é. No entanto, pela imponderável fotogenia ela se refere à arte que é sem arte. Os olhos são os beneficiários das ações, porque um e outro são centrados no visível.

A foto, neste caso, parece fornecer uma dupla visibilidade do corpo: a desejada pelo cirurgião e a intrínseca à foto. Através desta dupla exposição do corpo, as fantasias da criação não estão muito longe. Porquever é idealizar, abstrair e extrair, ler e escolher, transformar. Tem-se que reconhecer que a estética faz este gesto de importância incalculável: ela coloca o conhecimento da razão num domínio subconsciente dos afetos, segundo Epstein. (EPSTEIN. 1953. p. 91).

A foto é, provavelmente, a base desta proeminência do real visto e também da individualização do homem. Na cirurgia estética é, antes e além de tudo, a certificação desta magnificência visível trabalhada pela luz. Os

retratos da cirurgia estética são, às vezes, contraditoriamente inestéticos e mesmo patéticos. A confrontação do antes com o depois por uma visão paralela parece um maneira de reforçar o que era em confrontação com o que se tornou para os atores da nova aparência. Uma questão de imagem, certamente, de desejo de visibilidade que entrelaça a fotografia e a cirurgia plástica. As duas bebem da mesma fonte e não se distanciam realmente quando se trata de ver e ser visto. Ambas se baseiam na urgência do resultado; resultado esse que deixa ver diferentemente e é esperado superior a natureza.

Estamos assistindo a uma grande mudança na arte : as fronteiras estão se esvanecendo para dar lugar a uma era tecnológica que se anuncia cada vez mais eficaz na vida e em tudo que a cerca; a estética não se exclui dos possíveis desejados. A Medicina e a arte nos deram exemplos relativos à estética do corpo que nada mais são que prenúncios de possíveis futuros. A cirurgia estética continua no campo da Medicina, porém se fundamentando em conceitos das belas artes; simetria, equilíbrio, adaptação do corpo à luz, a transparência da aparência, desejo estético, imagem idealizada do corpo, o olhar e outros. Logo, a arte da Medicina será possivelmente uma realidade possível que seguirá os avanços científicos e tecnológicos de tempos futuros.

O imaginário artístico não se encontra distante da cirurgia estética, já que a abordagem parece cada vez mais próxima. Mais do que fazer um belo corpo, deseja-se vê-lo fotogênico. Saímos de uma era da fotogenia que trouxe o homem para o centro do visível e entramos no século XXI com uma hibridgenia que provoca a ultravisibilidade do corpo real e em imagem que o coloca no centro da visibilidade global exposto aos inúmeros videntes adeptos da virtualidade das redes sociais.

Um corpo reestruturado, aparelhado, remodelado, não é mais o mesmo e essa transmutação para o centro do visível só acentua a sensação de estranheza em relação à aparência real e, certamente, na arte. Em conclusão, podemos dizer, com Rimbaud : “*Je est un autre*”. Eu sendo outro, eu como uma imagem incorporada na lógica de possíveis. Possíveis reais e mais ainda, imaginários e virtuais para corpos mutantes em busca de outros devires.

Referências

- DIDI-HUBERMAN, Georges. **Invention de l'Hystérie**. Paris: Macula, 1983.
- EPSTEIN, Jean. **Ecrits sur le cinema**. Paris: T. I. Seghers, 1953.
- LE BRETON, David. **Anthropologie du corps et modernité**. Paris: PUF, 1990.
- _____. **L'Adieu au Corps**. Paris: Métailié, 1999.
- MERLEAU-PONTY. **L'œil et l'esprit**. Paris: Gallimard, 1964.
- MITZ, Vladimir. BEUREGARD. Christophe. THÉLY, Nicolas. **Manuel d'Esthétique**. Paris: Figlianes, 2005.
- NANCY, Jean-Luc. **Le regard du portrait**. Paris: Galilée, 2000.
- Pitanguy, Ivo. **Diálogo realizado no Centro de estudos Ivo Pitanguy**, Rio de Janeiro: 2002.
- PROUST, Marcel. **A la recherche du temps perdu. Le temps retrouvé**, Paris, Gallimard, 1979.
- VIGARELLO, Georges. **Histoire de la Beauté**. Paris: Seuil, 2004.

Recebido: 30 de março de 2018.

Aprovado: 15 de abril de 2018.